

A Democracia na Periferia: uma análise
de *La difícil democracia: una mirada*
desde la periferia europea, de Boaventura
de Sousa Santos

Marcos Antonio da Silva

Universidade Federal da Grande Dourados
(BRA)

SANTOS, Boaventura de Sousa. "La difícil democracia: una mirada desde la periferia europea". Madrid: Ediciones AKAL, 2016, 352 pgs¹.

A democracia e, conseqüentemente, todo o ordenamento político e social – incluindo as instituições e valores políticos – sempre foram temas dos mais instigantes e controversos do pensamento político. No mundo contemporâneo, a persistente crise multidimensional (política, econômica,

¹ Esta e outras obras podem ser encontradas em: <http://www.akal.com>. A edição brasileira é denominada de "A difícil democracia: reinventar a esquerda" (Boitempo, 2016), no entanto, é menor e enfatiza uma dimensão da obra

ambiental, civilizatória, dentre outras) e a dificuldade de alternativas ao pensamento hegemônico e à prática neoliberal têm lançado a democracia a uma encruzilhada – embora sobre diferentes bases e perspectivas –, acentuando o déficit democrático.

Na América Latina, tal crise está associada à persistente dívida social com os cidadãos, à crise econômica e seus efeitos no bem-estar da população e à violência e seus efeitos político-institucionais – incluídos os recentes (e duvidosos) processos de afastamento de presidentes, bem como a ascensão de uma nova direita que refuta o Estado e a política como construção do bem-comum. Na periferia europeia (Grécia, Portugal e Espanha), tal crise se manifesta no ajuste econômico e na tentativa de desconstrução do já frágil Estado de Bem-Estar Social (‘Welfare State’) e de retrocesso no processo de integração regional – o que, até o momento, somente tem acentuado a desigualdade e o pessimismo.

Dessa forma, a obra mencionada, conforme aponta Boaventura Santos, parte de uma constatação inevitável sobre o mundo atual: “Vivemos em sociedades politicamente democráticas e socialmente fascistas”.

Sendo assim, o livro procura captar como a dinâmica social, política e econômica da periferia, europeia e mundial é determinada pelo contexto global, discutindo se a “condição periférica” é uma situação provisória (um momento) ou permanente (uma finalidade), pois segundo o autor:

Portugal, España y Grecia pasan hoy por transformaciones políticas muy turbulentas. Son procesos muy diferentes, pero tienen en común el hecho de producirse en países europeos considerados periféricos en relación a un centro que tiene poder para condicionar de manera decisiva sus opciones y aspiraciones políticas y sociales. Y todo ello dentro de un contexto histórico de larga duración en el que siempre se ha producido, de diferentes maneras, la subordinación de las periferias al centro. (...) En el fondo, se trata de saber si los países periféricos no están condenados a transitar de transición en transición en tanto dura su condición periférica, y si esas sucesivas transiciones no son, al final, el instrumento utilizado por el centro para reproducir su condición periférica (SANTOS, 2016, pgs. 5-6).

Nesse sentido, a obra de Boaventura Santos torna-se essencial para compreender e intervir nesse contexto e, ainda para reconstruir alternativas ao pensamento liberal, ao fazer um profundo inventário da sociedade e da política portuguesa contemporânea e do ideário socialista (e da esquerda, em geral), reafirmando a necessidade de atualização e aprimoramento do diagnóstico e compreensão dos fenômenos globais e locais para que a intervenção política alternativa tenha viabilidade e eficácia.

O autor pode ser considerado um clássico do pensamento social contemporâneo e tem se dedicado a um conjunto variado de temas que partem da sociologia ao direito, da filosofia à ciência política, da antropologia à educação, da história à economia, da epistemologia à cultura, dentre outras. Dessa forma, a partir de sua atuação à frente do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, tornou-se um autor muito influente no Brasil, com laços que remontam a Florestan Fernandes e Fernando Henrique Cardoso e, também, com parcerias com inúmeros outros pesquisadores de importantes centros de pesquisa do país, em atividades de pesquisa e de produção do conhecimento recentes.

Tal influência é impulsionada pela qualidade e diversidade de sua obra, bem como pelo caráter prolífico de sua produção, dentre as quais se destacam: *As bifurcações da ordem. Revolução, cidade, campo e indignação* (Editora Cortez, 2016), *O direito dos oprimidos* (Editora Cortez, 2014), *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social* (Boitempo Editorial, 2007), *A gramática do tempo. Para uma nova cultura política* (Editora Cortez, 2006, 2ª edição), *A Universidade no Século XXI: Para uma Reforma Democrática e Emancipatória da Universidade* (Editora Cortez Editora, 2004, 3ª edição), *Um Discurso sobre as Ciências* (Cortez, 2003), *Globalização e as Ciências Sociais* (Cortez, 2002), *A Crítica da Razão Indolente: Contra o Desperdício da Experiência* (Cortez, 2000, 7ª edição), *Pela Mão de Alice: O Social e o Político na Pós-Modernidade* (Cortez, 1995, 12ª edição), e organizador de *Direitos humanos, democracia e desenvolvimento*

(Cortez Editora, 2013) com Marilena Chauí, *Epistemologias do Sul* (Editora Cortez, 2010) com Maria Paula Menezes, e organizador da importante coleção Reinventar a Emancipação Social que até o momento publicou, dentre outros, os seguintes volumes – *As vozes do Mundo: reinventar a emancipação social para novos manifestos* (Civilização Brasileira, 2009), *Trabalhar o mundo: os caminhos do novo internacionalismo operário* (Civilização Brasileira, 2005), *Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais* (Civilização Brasileira, 2005), *Reconhecer para Libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural* (Civilização Brasileira, 2003), *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista* (Civilização Brasileira, 2002) e *Democratizar a Democracia: os caminhos da democracia participativa* (Civilização Brasileira, 2002), com Leonardo Avritzer.

Assim, pode-se afirmar que Boaventura de Sousa Santos tornou-se uma das principais referências do pensamento crítico e emancipador da atualidade.

A obra tem como pano de fundo a análise da democracia e seu desenvolvimento no século XX, procurando demonstrar que, atualmente, vivenciamos uma democracia de tão baixa intensidade (em termos de participação, mobilização e poder de influenciar o jogo político) que se aquela parece com uma antidemocracia, fruto de uma época sem alternativas ou desiludida; por outro lado, também se fundamenta numa análise da esquerda (europeia e mundial), demonstrando suas metamorfoses (e fracassos) ao longo do último século, apontando que sua reinvenção é necessária e possível na medida em que a herança maldita do socialismo real seja superada, sua capacidade de análise seja atualizada e as sociedades em prol de uma real e efetiva democratização sejam mobilizadas, pois, segundo ele, “Não questiono que haja um futuro para as esquerdas, mas seu futuro não vai ser uma continuação linear de seu passado”.

A obra está organizada em quatro partes:

A primeira, intitulada “La transición de la Revolución del 25 de Abril de 1974 a la Integración Europea”, analisa a história e a dinâmica política contemporânea de Portugal, mas tem repercussões mais amplas. Nesse sentido, aponta a Revolução de Abril como um evento fundamental da história portuguesa, fruto de uma crise de hegemonia que, no entanto, contribuiu para a emergência de forças políticas que desenvolveram políticas redistributivas limitadas, amparadas pela União Europeia e pela manutenção de políticas repressivas. Além disso, discute a dupla transição portuguesa (à democracia e à integração regional) a partir de sua constatação das condições do Estado e da Sociedade na “semiperiferia do sistema mundial”, apontando que a orientação periférica perspassa tal sociedade, pois:

En cada uno de los ámbitos de vida de la sociedad portuguesa, el Estado asumió diferentes formas políticas parceladas: en el campo de las relaciones de intercambio y de las relaciones salariales, la forma de Estado paralelo, seguida da forma de Estado heterógeneo; en lo referente al bienestar social, la forma de semi-Estado de bienestar; en el ámbito de la integración europea y de los valores que le son inherentes, la forma de Estado como imaginación del centro. Estas formas, todas ellas transitorias, son el testimonio de las tensiones existentes entre una orientación central y una orientación periférica, entre la promoción o la relegación internacional, entre la integración o la exclusión social. Representan la manera portuguesa de vivir la transformación dinámica del sistema mundial en los últimos veinte años. Esta transición aún está lejos de su fin (SANTOS, 2016, 80).

Finalmente, analisa os impasses do socialismo português, depois de 1974, discutindo a importância de uma análise efetiva da realidade do país e da cultura como componente constitutivo de toda a prática social e como elemento fundamental de transformação social, pois: “una concepción amputada del marxismo nos llevó a pensar que aquí abajo está la economía y allí arriba la cultura. La sociedad no es un ascensor: no dejemos que nuestras luchas lo sean” (SANTOS, 2016, 102).

A segunda parte, intitulada “La transición de la integración europea a la desintegración europea”, analisa a inserção portuguesa na União Europeia (sua dinâmica e consequências) e os dilemas contemporâneos de tal inserção e da própria integração regional que tem se tornado cada vez mais evidentes,

inclusive com a saída de alguns de seus membros. Nesse sentido, aponta como o passado (em Portugal e em qualquer sociedade periférica) é fundamental para o distanciamento em relação aos centros e às dificuldades de desenvolvimento e superação da desigualdade. Além disso, demonstra que o processo de integração foi incorporado de duas formas pela sociedade portuguesa: a primeira, chamada de “momento europeu de aceitação”, entre 1974 e 2011, foi marcada por uma atuação neocolonial pela adesão incondicional à dinâmica europeia e pela ilusão de modernização, uma efetiva revolução burguesa em Portugal e inúmeras transformações; a segunda, o “momento europeu da tolerância”, a partir de 2011, é mais ambígua e demonstra o rechaço – disfarçado de aceitação (ou impotência?) – da sociedade portuguesa em relação à União Europeia, reafirmando seu estatuto de país semiperiférico devido às dificuldades de influenciar as principais políticas do bloco e, ainda, aos impactos desmedidos das políticas de austeridade (mais intensas na periferia europeia, como também demonstram Grécia e Espanha) ou de redistribuição mais equitativa dos benefícios da integração. Finalmente, analisa os efeitos da atual crise econômica na Europa e em Portugal, demonstrando que os seus principais efeitos foram a ampliação da desigualdade social, a ruptura com os padrões mínimos de bem-estar e a emergência do “fascismo social”, baseado no apatheid social, na insegurança e no predomínio de uma visão financeira (o cálculo econômico) da economia e da sociedade. Apesar disso, procura demonstrar que há alternativas à crise e à visão financista, ou seja, outra Europa seria possível com a adoção de medidas associadas a três imperativos fundamentais: Democratizar, Descolonizar e Desmercantilizar. Por isso, o autor conclui que:

“Con el tempo y alguna agitación social y política, Europa verificará que ya no es el centro cultural del mundo y que el vacío q ela arrogância colonial creó a su alrededor acabó por volverse en su contra, vaciándola de recursos preciosos para afrontar los nuevos tempos. La descolonización de Europa es decisiva para que Europa se reconcilie con el mundo, pero es todavía aún más decisiva para que Europa se reconcilie consigo misma” (SANTOS, 2016, 196).

A terceira parte, intitulada “Democratizar la democracia”, é composta de duas entrevistas que analisam a Democracia e o Populismo na política contemporânea. Na primeira, é realizado um diagnóstico das características e limites das democracias contemporâneas, demonstrando a necessidade de combinar elementos da democracia representativa com a democracia participativa como forma de superar a desigualdade, a exclusão social e concepções reducionistas de Estado, Poder Político e Revolução Social. Além disso, Boaventura discute o desenvolvimento de uma globalização contra-hegemônica como contraposição ao horizonte neoliberal, debatendo a necessidade de – respeitando a diversidade e a heterogeneidade humanas – resgatar e atualizar o ideário socialista (definido como “democracia sem fim”), que deve incorporar uma concepção ampliada de justiça social, de interculturalidade, de plurinacionalidade e póscolonialidade, dentre outros elementos. Sobre isso, o autor afirma: “La utopia concreta no se deja formular en abstracto. Está emergiendo de la gran creatividad moral y política de aquellos de los que nada creativo, moral o político se espera” (SANTOS, 2016, 255). Já a segunda entrevista analisa as formas contemporâneas de desenvolvimento da Política, discutindo o populismo, a democracia e a insurgência como algumas de suas manifestações mais importantes.

Finalmente, a quarta e última parte – intitulada “Reinventar as esquerdas” – constitui-se no ápice da obra e apresenta uma análise instigante, necessária e polêmica sobre a esquerda na atualidade. Inicia com uma análise da Revolução Cubana e seus dilemas atuais, partindo da ideia de que toda revolução é um resultado de um processo em que se combinam a *Resistência* (que acabou predominando no caso cubano) e a *Alternativa* (que foi se esgotando). Além disso, discute os efeitos da liderança de Fidel (o carisma revolucionário) e o atual processo de reformas e atualização do modelo, apontando suas características, limites e impasses diante dos novos desafios do ideário socialista no século XXI.

Em seguida, apresenta quatorze cartas às esquerdas, em que procura atualizar e sintetizar um programa político para renovação e atualização das esquerdas, apontando, entre outros os seguintes elementos e propostas: retomar e atualizar algumas ideias básicas para seu recomeço (diversidade, democracia de alta intensidade, dignidade humana, cooperativismo, bens comuns e não mercantilizáveis – água e ar –, espírito igualitário...); leitura rigorosa, profunda e ampla do contexto atual, diante do neoliberalismo; defender a máxima “Melhor Estado, sempre; menos Estado, nunca”; desenvolver uma esquerda reflexiva, redefinir colonialismo e democracia sob o lema “Democratizar, Descolonizar e Desmercantilizar”; redefinir visão e práticas relacionadas às questões de gênero, racial e patriarcal; “estar sempre a esquerda do possível” (para superar a dicotomia da política possível ou impossível); defender os direitos humanos, a ecologia e a dignidade humana; incorporar a “sociologia das emergências” e a “sociologia das ausências”; desenvolver uma postura intercultural, pós-colonial e plurinacional e, finalmente; refundar a política e o poder. Além disso, como aponta o autor

en el plan teórico, el marxismo, que continúa siendo tan importante para analizar las sociedades de nuestro tiempo, tendrá que ser descolonizado y despratiarcalizado para poder ayudarnos a imaginar y a desear una sociedad más justa y más digna que la sociedad que nos ha tocado vivir en este tiempo (SANTOS, 2016, pg. 326).

Por fim, há um post scriptum em que – partindo da afirmação de Espinoza segundo a qual as duas emoções básicas dos seres humanos são o medo e a esperança – Boaventura procura discutir como as sociedades contemporâneas foram dominadas pelo medo e pela insegurança a partir das incertezas que as caracterizam (incerteza em relação ao conhecimento, à democracia, à dignidade e à natureza) e, principalmente, como reconstruir a esperança, pois:

(...) Debe llevarnos a pensar que, en las condiciones actuales, la rebelión y la lucha contra la injusticia que produce, difunde y profundiza la incertidumbre descendente, sobre todo la incertidumbre abismal, tienen que llevarse a cabo una mezcla compleja de mucho miedo y mucha esperanza contra el destino

autoinfligido de los oprimidos y la misión arbitraria de los opresores. La lucha tendrá más éxito y la rebelión ganará más adeptos en la medida en que cada vez más personas se vayan dando cuenta de que el destino sin esperanza de las mayorías sin poder es causado por la esperanza sin miedo de las minorías del poder (SANTOS, 2016, 337).

Em suma, trata-se de uma obra fundamental e instigante para compreendermos a sociedade contemporânea – principalmente as periféricas – e a necessidade de renovação e atualização do ideário e da prática socialista, demonstrando um intelectual maduro e refinado, comprometido com as causas de nossa época e com a reconstrução da esperança e da utopia (um “outro mundo” é possível’), pois: “(...) finalmente, porque muchos de nuestros sueños fueron reducidos a lo que existe y lo que existe es muchas veces una pesadilla, ser utópico es la manera más consistente de ser realista a comienzos del siglo XXI” (SANTOS, 2016, 207).